

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB**

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – ICSA

BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

HILAÍZE SOARES DE SOUZA

**GESTÃO DO ECOMUSEU DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA SERRA DO
EVARISTO, BATURITÉ-CE: UM ESTUDO DE CASO**

**REDENÇÃO, CE
2020**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB**

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – ICSA

BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

HILAÍZE SOARES DE SOUZA

**GESTÃO DO ECOMUSEU DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA SERRA DO
EVARISTO, BATURITÉ-CE: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Administração Pública da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Administração Pública.

Orientador (a): Prof. Dr. Pedro Rosas Magrini

**REDENÇÃO-CE
2020**

HILAÍZE SOARES DE SOUZA

**GESTÃO DO ECOMUSEU DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA SERRA DO
EVARISTO, BATURITÉ, CE: UM ESTUDO DE CASO**

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Rosas Magrini (UNILAB)
Orientador

Profa. Dra. Andrea Yumi Sugishita Kanikadan
Membro

Profa. Dra. Rosalina Semedo de Andrade Tavares
Membro

REDENÇÃO-CE
2020

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Souza, Hilaise Soares de.

S729e

Gestão do ecomuseu da comunidade quilombola da erra do Evaristo, Baturité-Ce: um estudo de caso / Hilaise Soares de Souza. - Redenção, 2020.
36f: il.

Monografia - Curso de Administração Pública - Semestral, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rosas Magrini.

1. Museu. 2. Gestão Museológica. 3. Estrutura Organizacional.
I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 658.05

RESUMO

Situado na cidade de Baturité, estado do Ceará, Brasil, o Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, originou-se inicialmente a partir do início das escavações arqueológicas ocorridas na comunidade, no ano de 2012. Destacando-se pela singularidade em torno do contexto ao qual está inserido, o Ecomuseu recebe visitas constantemente, tendo como temática e objetivo principal, abrigar os resquícios arqueológicos dos povos que habitaram o território quilombola em séculos passados. Visto isso, este trabalho aborda a temática da gestão museológica, trazendo a origem da instituição, enfatizando as suas especificidades administrativas e contexto. O objetivo deste trabalho é fazer uma análise acerca da gestão do Ecomuseu, por meio das falas dos interlocutores, expondo a estrutura organizacional existente. Como metodologia, utilizar-se-á o estudo de caso e o trabalho de campo, para tentar trazer respostas as seguintes questões: Como se dá a gestão do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo? Qual a relação entre a gestão do Ecomuseu e a comunidade quilombola?

Palavras Chave: Ecomuseu da Serra do Evaristo. Gestão Museológica. Estrutura Organizacional.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Vista externa do Ecomuseu

Imagem 2: Área frontal e terraço do Ecomuseu

Imagem 3: Instalações e vista lateral do Ecomuseu

Imagem 4: Quadro conceitual demonstrado a “Interação entre Mobilização Museológica Organizacional e Interorganizacional”.

Imagem 5: Objetos arqueológicos expostos no Ecomuseu

Imagem 6: Objetos arqueológicos expostos no Ecomuseu

Imagem 7: Objetos usados nos trabalhos arqueológicos em 2011

Imagem 8: Urna funerária encontrada na comunidade em 2011

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	HISTÓRICO DA MUSEOLOGIA NO BRASIL	12
3	MUSEUS COMUNITÁRIOS E ECOMUSEUS	17
3.1	Ecomuseu da Comunidade quilombola da Serra do Evaristo	18
3.2	Caracterizando o Ecomuseu	19
4	METODOLOGIA	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
6	REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo, compreender as questões referentes a gestão do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, este, situado no município de Baturité, Ceará, Brasil. A comunidade fica distante “9 km da sede do município de Baturité, e há 99 km da capital cearense, Fortaleza” (PEREIRA, 2016).

A motivação para tal pesquisa se deu primeiramente pelo meu parentesco em torno das pessoas que moram da comunidade quilombola, nesse sentido, o direcionamento para a construção e desenvolvimento do objeto desta pesquisa, está diretamente ligado as questões étnicas/consanguíneas, no entanto. O foco desta pesquisa se dá em torno da temática: gestão de museus comunitários e ecomuseus.

Na memória local da comunidade, os relatos de achados arqueológicos (urnas funerárias e outros objetos variados), são relacionados aos antigos povos indígenas (SOUZA, 2019), tais informações foram confirmadas com as escavações e estudos feitos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), este, foi um dos responsáveis pela construção do museu, com o intuito de abrigar os objetos resgatados com o advento dos trabalhos arqueológicos.

Inserido dentro de um contexto tradicional/rural, o estudo acerca da gestão do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, propõe conceber a análise da gestão da organização, bem como, trazer alguns dos aspectos comunitários pertinentes a instituição. Conforme as observações e as falas dos interlocutores, a gestão e manutenção da instituição são pautadas no trabalho comunitário, característica da maioria dos museus comunitários. O museu, denominado de “Ecomuseu da Comunidade quilombola da Serra do Evaristo”, como mencionado, é produto de eventos/trabalhos arqueológicos, sendo estes iniciados no ano de 2012. Em síntese, as escavações arqueológicas são tidas como principal motivador da construção do Ecomuseu, sendo este, o objeto de análise deste trabalho.

No Ecomuseu da Serra do Evaristo, podemos, além de ver a representação da própria comunidade quilombola, perceber vestígios de culturas de povos indígenas que habitaram o território antes dos quilombolas instaurados atualmente no local. Muitos dos objetos arqueológicos encontrados na comunidade, fazem parte do acervo do Ecomuseu, variando

desde machadinhas, utensílios cerâmicos de uso doméstico dentre urnas usadas para possíveis ritos funerários.

Conforme algumas observações feitas acerca da gestão do museu, a pesquisa mostra a relação entre gestão museológica e a comunidade quilombola, ou seja, como os moradores da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, estão inseridos nas dinâmicas e práticas de gestão e manutenção do ecomuseu e vice-versa.

Após algumas entrevistas com alguns moradores da comunidade quilombola, mais especificamente com pessoas envolvidas com a gestão museológica, foi possível observar algumas particularidades acerca do ecomuseu. Em relação ao referencial teórico, buscou-se trabalhar com autores que abordem sobre a gestão de museus de comunidades tradicionais, bem como outras referências complementares a este estudo.

Conforme a produção acadêmica sobre gestão de museus, percebeu-se que há uma quantidade significativa de trabalhos e uma parcela bem menor acerca de museus comunitários e/ou ecomuseus, no entanto, não há nenhum trabalho acadêmico que tenha abordado direta e especificamente acerca da “gestão” do Ecomuseu da Serra do Evaristo, o que se direciona para um desafio na construção de conhecimento acerca do objeto supracitado.

O Ecomuseu em questão, foi fundado no ano de 2012 pelo IPHAN, sendo referência para a própria comunidade na representação de sua memória. Os responsáveis pela gestão e manutenção do ecomuseu, desenvolvem trabalhos e visitas guiadas a instituição, no intuito de fazer-se conhecer tanto a comunidade quilombola, como também articular uma forma de arrecadar verbas para suprir a necessidade de manutenção em relação ao próprio museu.

Em relação ao acervo do Ecomuseu quilombola, este é composto por uma considerável variedade de utensílios e objetos cerâmicos de antigos grupos/povos indígenas, datados a quase 700 anos atrás, por meio de análises e processos laboratoriais realizados nos Estados Unidos (OLIVEIRA; PEDROZA, 2014). Nesse sentido, vale salientar a riqueza das descobertas e da datação dos objetos, salientando construção histórica do estado do Ceará, já que o discurso existente na região é o de que não havia povos indígenas pelas redondezas (vale destacar que esta visão também se estende para os povos afro-brasileiros, já que a população regional, por vezes negava a existência de negros na região). Apesar dessa visão já ter sido desqualificada por alguns teóricos, é importante ressaltar tal característica na

contextualização histórica e cultural do Ecomuseu, visando as particularidades administrativas da instituição.

A metodologia proposta neste estudo é composta por um estudo de caso, com o auxílio do trabalho de campo, enfatizando pesquisas e visitas realizadas ao Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, como entrevistas a moradores e pessoas responsáveis direta e indiretamente na gestão da instituição. O objetivo dessas entrevistas foi o de trazer o conhecimento dos gestores do museu, destacando alguns pontos importantes e expondo a questões acerca da estrutura organizacional da instituição. Nesse sentido, conforme a obtenção dos dados, se tentou construir um texto monográfico versando sobre os processos de gestão do Ecomuseu em questão, trazendo a temática da gestão museológica como principal orientação para a construção de conhecimento nesta pesquisa. Dessa forma, através das ciências sociais aplicadas, traz-se também outros elementos transversais a esta área do conhecimento.

A justificativa desta pesquisa centra-se principalmente em um estudo sobre as questões organizacionais e estruturais do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, situado na cidade de Baturité, Ceará, Brasil, buscando compreender as relações entre gestão, comunidade e Ecomuseu. Nesse sentido, buscou-se desenvolver uma análise da estrutura organizacional da instituição, levando em conta as suas especificidades administrativas, por meio de um estudo de caso permeado pelo trabalho de campo.

Conforme o exposto, a problemática da pesquisa, centrou-se nas seguintes questões: Como se dá a gestão do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo? E qual a relação entre a comunidade quilombola e a gestão do Ecomuseu? Quais os principais atores e sujeitos sociais responsáveis direta e indiretamente pela gestão do Ecomuseu?

Visto isso, elencou-se os seguintes objetivos na composição estrutural da presente pesquisa. Como objetivo geral, salientou-se: analisar como se concebe a gestão do Ecomuseu da Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo. Em relação aos objetivos específicos, se propôs: identificar os elementos que apontem para as possíveis relações entre comunidade quilombola e a gestão da instituição, identificar os atores e sujeitos sociais responsáveis direta e indiretamente pela gestão do Ecomuseu e colaborar na construção e conhecimento acerca da gestão museológica de em ecomuseus e museus comunitários.

Este estudo está estruturado basicamente nos seguintes capítulos: Introdução, Metodologia, História da Museologia no Brasil, Museus Comunitários e Ecomuseus e finaliza-se com as considerações e reflexões baseadas nas análises construídas em torno do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo.

2 HISTÓRCIO DA MUSEOLOGIA NO BRASIL

Antes de adentrar ao contexto museológico brasileiro, cabe salientar, que a ideia de museus como conhecemos atualmente, é geralmente concebida pelo seu teor histórico-preservacionista, onde reunia e ainda reúne diversos objetos e coleções de grupos e povos diversos. Tais objetos são expostos ao público em geral, herdando em todo o mundo o modelo ocidental de museu. Conhecer minimamente sobre tais questões, é um esforço necessário para se pensar a gestão nos mais variados contextos culturais, que emergem conforme as demandas globais e locais.

Antes de prosseguirmos, insere-se o objetivo dos museus, de acordo com Desvallées e Mairesse (2013), onde os autores expõem que:

O mundo dos museus evoluiu amplamente com o tempo, tanto do ponto de vista de suas funções quanto por sua materialidade e a dos principais elementos que sustentam o seu trabalho. Concretamente, o museu trabalha com os objetos que formam as coleções. O fator humano é evidentemente fundamental para se compreender o funcionamento dos museus, tanto no que concerne à equipe que atua no seio do museu – suas profissões, e sua relação com a ética – quanto ao público ou aos públicos aos quais o museu está destinado. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 22, grifo nosso)

De acordo com o panorama histórico acerca do desenvolvimento da museologia¹, mais especificamente por volta do século XX, houve uma decorrente onda de ampliação e “multiplicação de espaços museológicos” (SANTOS, 2017), designando as diversas tipologias museológicas, indo desde os museus tradicionalmente de arte e históricos, como os antropológicos/etnológicos, dentre outros. Segundo Santos (2017, p. 24), os museus se dividiam perante “[...] critérios preservacionistas e o campo vai paulatinamente se estruturando através da formação de instituições e publicações específicas, da organização de encontros, congressos, seminários etc. onde são discutidos problemas referentes às questões teóricas e técnicas dos museus e da museologia”. Ainda segundo Santos (2017, p. 24), contextualizando as transformações do campo museológico a partir do século XX, afirma a autora, que:

[...] É possível interpretar o surgimento da Nova Museologia² como reflexo ou consequência das ações dos movimentos europeus de contracultura das décadas de 1960 e 1970, que passaram a questionar as estruturas da sociedade (SUANO,

¹ Ramo do conhecimento que estuda os museus.

² Segundo Avelar (2015), o termo faz referência ao movimento de transformação, multiplicação e modernização dos museus, a partir do século XX.

1986, p.58), assim como noções como progresso e evolução, amplamente disseminadas a partir do século XIX, a exigir a real democratização das instituições políticas, educacionais, culturais etc., por meio de uma perspectiva participativa. De acordo com Cícero Almeida (2008), essas ideias se expandem para outras partes do mundo, e tanto influenciam como são influenciadas por outros processos de lutas e transformações - os processos de descolonização na África, a resistência às ditaduras militares na América do Sul, as lutas por igualdade racial em diversos países, entre outras. (SUANO 1986; ALMEIDA 2008, *apud* SANTOS, 2017, p. 24, grifo nosso)

Conforme o enunciado acima, levando em consideração os diversos processos transversais de implementação dos museus, cabe ao gestor dessas instituições, conhecer como estas surgiram, além disso, ter em mente as diversas roupagens as quais cada museu recebeu e recebe, ou seja, já que estamos abordando neste trabalho especificamente sobre processos de gestão de um museu comunitário, inserido dentro de uma lógica interiorana, por assim dizer, rural, especificamente quilombola, nesse sentido, tem-se que tomar cuidado com algumas observações.

Retomando o pensamento de Santos (2017), é válido frisar que além dos museus serem classificados como uma das instituições modernas representativas das culturas de povos e grupos diversos, e baseando-se nas transformações sofridas pelo que a autora chama de “onda democratizadora”, nesse sentido, são entendidos e defendidos como instituições que:

[...] valorizem as memórias em torno dos objetos, contextualize as coleções sob sua guarda considerando suas diversas funcionalidades, proporcione ao público a possibilidade de participar ativamente dos processos de patrimonialização e de musealização, entre outras funções sociais assumidas a partir dos diversos questionamentos, reflexões e transformações na sociedade, na instituição Museu e na própria Museologia. (SANTOS, 2017, p. 25)

A partir do conhecimento histórico do surgimento das políticas de patrimonialização e de musealização³, elenca-se esses últimos termos, sendo conceitos chaves para a compreensão do surgimento dos ecomuseus. Nesse sentido, levando em consideração que “a noção de patrimônio é algo muito recente, juntamente com as políticas de preservação cultural” (SILVA, 2012, p. 158), entende-se, segundo Costa (2010), que:

A patrimonialização ganha força após as duas Grandes Guerras Mundiais, pelo desejo das nações de preservar os restos de um passado materializado em seus territórios e, ainda, não devastados. O ato de consagração patrimonial é orquestrado, assim, pelas potências estrangeiras, onde, a partir das catástrofes mundiais (duas Grandes Guerras), temos o marco simbólico de uma nova ordem de transmissão cultural (COSTA, 2010, p. 136).

³ Segundo Lima (2012), entende-se como musealização, o [...] procedimento instaurado pela Revolução Francesa e a Patrimonialização ou institucionalização dos bens que se solidificou na seara dos Museus ao longo dos séculos seguintes, especificamente por volta da segunda metade do século XX e com feição de sentido similar. (LIMA, 2012, p. 40)

Complementando o entendimento acerca da ideia de patrimonialização, por meio da definição de patrimônio, Segundo Lima (2012), referindo-se a museologia, Patrimônio Cultural é:

[...] identificado ao conjunto de bens simbólicos, relacionado à ambiência cultural e integrado ao complexo natural, espaço-mundo coletivo dos mais diferentes grupos e coisas, não se afigura só como um tema. Representa um contexto para interseções museológicas fundado nas relações existentes nos níveis da teoria e prática. Desse modo, o panorama do campo da Museologia reveste-se de configuração singular: uma composição cujos elementos constituem-se de manifestações do Patrimônio. (LIMA, 2012, p. 32)

Apesar de não ser o objetivo desta monografia versar especificamente sobre a ideia de patrimônio, se fez necessário o uso, mesmo que breve desse conceito, para compreender melhor sobre o objeto em questão, ou seja, o ecomuseu quilombola, já que estamos tratando de uma instituição que abriga bens culturais, que fazem referência a uma comunidade tradicional⁴. Dessa maneira, a gestão de ecomuseus, demandam a utilização de vários tipos de conhecimentos e práticas, não apenas administrativas. Algumas dessas ferramentas são na maioria das vezes indispensáveis na constituição do formato tanto da instituição a qual se administra como no perfil do administrador. Destacando o objeto desta pesquisa, o qual além de ser diferenciado e enquadrado no ramo dos estudos da gestão museológica, também carrega a historicidade e memória⁵ de um povo, e muito além disso, é produto motivado pelas descobertas culturais (arqueológicas) da comunidade a qual está situado o objeto em questão, e vai de encontro com a ideia de patrimônio cultural.

Na tentativa de justificar a relação entre a gestão museológica e a ideia de patrimônio cultural, refletiu-se sobre que esse último termo propõe a classificação dos bens culturais dos povos e grupos, em bens materiais⁶ e imateriais⁷, ou seja, segundo Fonseca (2003), a diferença entre tais termos se dá pela:

⁴ Ver: DIEGUES, Antônio Carlos. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: NUPAUB– Universidade de São Paulo, 1994.

⁵ Ver: FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, R; CHAGAS, M. (Orgs.). Memória e patrimônio. Ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 66. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) define como patrimônio cultural imaterial: “Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas)”. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> (Acesso em: 15/09/16).

⁶ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), antigo SPHAN, entende como patrimônio cultural material: “Os bens tombados de natureza material podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos”. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276/> (Acesso em: 02/09/2020).

[...] especificidade do que se está entendendo por patrimônio imaterial [...] seja a arte dos repentistas. Embora a presença física dos cantadores e de seus instrumentos seja imprescindível para a realização do repente, é a capacidade de os atores utilizarem de improviso, as técnicas de composição dos versos [...] que produz a cada “performance”, um repente diferente. Nesse caso, estamos no domínio absoluto do aqui e agora, tampouco sem possibilidade, a não ser por meio de algum registro audiovisual, de perpetuar esse momento. (FONSECA, 2003, p. 66)

Complementando a ideia acima, Veiga (2017, p. 24) ressalta sobre a importância de [...] mencionar que todo esse processo aconteceu entre muitos embates e disputas, o que expunha opiniões divergentes em torno do que deveria ser considerado patrimônio dentro do próprio órgão responsável pelo tombamento, além da importância da participação da sociedade civil.

Em suma, baseando-se no breve histórico abordado acima, do surgimento da instituição (museu) no século XX, especificamente no ocidente, instaurado pelo movimento da Nova Museologia, entende-se no contexto brasileiro, segundo Avelar (2015, p. 16), que “[...] funções desempenhadas por essas instituições; contiguidades com as noções de identidade, memória e patrimônio; processos históricos socioculturais relacionados e particularidades da experiência museológica brasileira”. Ainda segundo Avelar (2015), a história dos museus no Brasil:

[...] começa em 1818, junto com sua então nova condição de sede do Império Colonial Português. Nesse ano é criado o Museu Real (Museu Nacional), com a proposta de disseminar padrões e valores europeus. Com acervo inicialmente constituído de doações dos imperadores, o museu passaria também a colecionar objetos representativos da nação brasileira, de suas riquezas naturais e da civilização universal. Dentre as instituições museológicas criadas no século XIX no país destacam-se o Museu do Pará (Museu Emílio Goeldi) (1868) e o Museu Paulista (1893). Assim como outras que surgiram até o início século XX, elas teriam privilegiado a cientificidade e sido influenciadas pelas teorias evolucionistas aplicadas ao campo das ciências naturais ou para explicação da história. A partir dessa época, não só no Brasil, muitos museus são desenvolvidos em estreita relação com a Antropologia, que estava surgindo e ainda não tinha espaço nas universidades. Antropólogos trabalham nessas instituições empenhados na busca de evidências materiais empíricas de culturas desconhecidas. (SANTOS 2002; ABREU 2007, *apud* AVELAR, 2015, p. 36-37)

É válido salientar, segundo Chagas (2006), que o projeto de instauração dos museus no Brasil, também faz parte do projeto de implementação de uma identidade nacional brasileira, construída por uma pequena parcela da população, ou seja, as elites, dessa forma,

⁷ Ver: ARANTES, Antônio Augusto. O patrimônio imaterial e a sustentabilidade de sua salvaguarda. RESGATE. Revista de Cultura. Campinas: CMU/ Unicamp, nº. 13, p. 18, 2004.

vale lembrar que a diversidade de etnias não é pautada inicialmente nesse projeto. Escreve o autor, que no século XIX, os museus brasileiros:

[...] colaboram com o projeto desconstrução ritual e simbólica da nação; organizam discursos com base em modelos museais estrangeiros; buscam dar corpo a um sonho de civilização bem-sucedida; [...] Mas quem sonha? As elites aristocráticas tradicionais é que sonham o sonho de um nacional sem nenhum sinal de sangue, sem a presença da cultura popular, dos negros aquilombados, dos índios bravios, dos jagunços revoltosos, dos fanáticos sertanejos [...]. (CHAGAS, 2006, p. 44)

Complementando, (ABREU 2007, *apud* AVELAR 2015):

Novos museus fazem parte de um conjunto de instituições de cunho antropológico, universalista e humanista, planejados para atingir um público amplo e exercer função pedagógica. Identificados como novos museus de etnologia, eles marcariam o rompimento com a perspectiva evolucionista e buscariam valorizar a diversidade e o intercâmbio cultural, a luta contra preconceitos e discriminações. Eles seriam museus pensados como ferramentas de políticas públicas e práticas sociais, voltados para a difusão de uma nova compreensão das diferenças como expressão da unidade da espécie humana. Uma referência para essas novas instituições foi o Museu do Homem, de Paris, projetado nas décadas de 1940-50 pelo antropólogo francês Paul Rivet e por Georges Henri Rivièrre. (ABREU 2007, *apud* AVELAR, 2015, p. 38)

Conforme a breve contextualização histórica acima, acerca da implementação dos museus brasileiros, bem como da ligação da identidade nacional brasileira através dessas instituições, tendo em mente as críticas ocasionadas em relação a diversidade étnico-racial não presente nos primeiros museus, localizamos o Ecomuseu da Comunidade quilombola da Serra do Evaristo, fugindo da lógica ocidental de museu, e pautado na demanda e identidade quilombolas. Nesse sentido, o capítulo seguinte, abordará sobre a atualidade dos museus comunitários e ecomuseus no Brasil, bem como questões conceituais preliminares acerca da gestão dessas instituições e a inserção do estudo de caso em relação ao Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo.

3 MUSEUS COMUNITÁRIOS E ECOMUSEUS

Retomando alguns eventos importantes citados no capítulo anterior, a exemplo a Nova Museologia, que, dividiu “teórica e metodologicamente o campo da museologia brasileira”, bem como sua função social. (SANTOS, 2017). Segundo Santos (2017):

No Brasil, observamos repercussões desse movimento principalmente a partir da década de 1980, com a redemocratização do país. Paralelamente à renovação de museus já consolidados, surgem novas iniciativas, denominadas majoritariamente ecomuseus e museus comunitários, que objetivam, através de uma curadoria coletiva e da promoção de práticas ativas, populares, participativas, comunitárias e experimentais, a valorização, preservação e difusão dos patrimônios locais (Natural, Cultural, Material e Imaterial), garantir que o museu atue como espaço de representação e promova, a partir da contextualização do patrimônio, a compreensão, o questionamento, a conscientização e a transformação da realidade. (SANTOS, p. 10, 2017)

Nesse sentido, a concepção dos museus ditos comunitários, surge perante a valorização do lugar em que se vive, ou seja, a ideia de pertença e identidade são essenciais para essa compreensão, no entanto, é importante esclarecer conforme o envolvimento da categoria “território”, que algumas tipologias se diferem conforme o embasamento de alguns conceitos chave. Segundo Avelar (2015, p. 34), “museus locais” podem ser concebidos como um “[...] museu-território, baseado na valorização do território, de seus habitantes, de seus recursos físicos e culturais”. Nesse sentido, conforme a análise da autora, os museus comunitários ganham força e sentido perante a “(...) a expressão de uma comunidade humana, a qual se caracteriza pelo compartilhamento de um território, de uma cultura viva, de modos de vida e de atividades comuns.” (VARINE, 2012, p. 15 e 189). No entanto, conforme Avelar (2015) baseando nas análises de Varine (2012), mesmo os museus-território e museus comunitários parecerem a mesma coisa, este último:

[...] poderia ser diferenciado do museu-território pelo fato de ser estabelecido com base em um grupamento humano e não em uma representação político-geográfica. O ecomuseu teria sido inicialmente associado à ideia de museu-parque, voltado para o meio ambiente natural e rural, posteriormente sendo ressignificado como ferramenta de desenvolvimento comunitário. (AVELAR, 2015, p. 34)

Nesse sentido, é necessário diferir e situar alguns termos para melhor compreensão deste trabalho. Nas palavras de Avelar (2015), Ecomuseu seria então:

[...] um tipo de museu comunitário e teria trazido como inovações: a apreensão do patrimônio imaterial ou intangível, a musealização do território, a realização de inventários de paisagens, a implementação de estratégias de conservação pelo uso, o compartilhamento de decisões com líderes comunitários e, além disso, o

estabelecimento de uma relação mais direta entre as práticas museológicas e as práticas sociais. Esses aspectos corroborariam para a elaboração do conceito de museu integral. Poderiam, por outro lado, ser observadas como tendências dos ecomuseus e museus comunitários: um fechamento no âmbito da comunidade, desvios de funções devido à primazia de interesses políticos, a institucionalização e conseqüente aproximação com o modelo tradicional de museu, o distanciamento entre o discurso e a prática da instituição e, por fim, a extinção ou dissolução do museu. (AVELAR, 2015, p. 35, grifo nosso)

Complementando a ideia de ecomuseus, estes podem ser compreendidos como “(...) espaços celebrativos da memória do poder ou equipamentos interessados em trabalhar com o poder da memória” (CHAGAS, 2001, p. 13).

Em suma, esta pesquisa, foca sempre nos termos ecomuseus e museus comunitários, tendo como principal fundamento, o objeto em questão, intitulado como um ecomuseu, nesse sentido, por meio da análise de dados, se apresentara um pouco sobre o Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo.

3.1 Ecomuseu da Comunidade quilombola da Serra do Evaristo

Considera-se que a trajetória de existência do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo se inicia a partir de 2010, quando foi constatado a existência de um sítio arqueológico dentro da própria comunidade. No entanto, antes mesmo dessa descoberta, os moradores da Serra do Evaristo conviviam rotineiramente com o surgimento de objetos arqueológicos dentro de suas propriedades, bem como nos espaços em comum que compunham a comunidade. Tais objetos foram classificados como potes de barro pelos próprios moradores, que segundo Sousa; Moraes; Luiz (2015):

[...] vinham à tona toda vez que a prefeitura mandava máquinas (escavadeiras e tratores) para recuperar a estrada que dá acesso à localidade. As máquinas arrancavam os pedaços de potes – logo depois identificados como urnas funerárias pelo Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) – e os deixavam em meio a entulhos sem que se soubesse do valor histórico e cultural dos mesmos. Dessa forma, os moradores viram muitas vezes aflorar da terra artefatos e utensílios de barro, urnas e fusos, até que resolveram - influenciados por João, um advogado com fortes relações com a comunidade – procurar o Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan) e pedir ajuda. O Iphan veio à comunidade, realizou escavações e encontrou além de urnas funerárias e artefatos como machados, outros materiais antigos. (SOUSA; MORAES; LUIS, 2015, p. 4)

Em síntese, a ideia inicial de criação do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, surge em meio ao contexto pós escavações arqueológicas, ocorridas a partir de 2012, promovidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O ecomuseu foi construído em um terreno doado por um dos comunitários da Serra do Evaristo, localizado na própria comunidade, tendo como principal objetivo, o de receber os objetos resgatados nos processos de escavações. Sabe-se também que o movimento e demandas comunitárias para que tais objetos arqueológicos permanecessem na própria comunidade, ganhou força perante algumas movimentações políticas, ocorridas com o intuito de valorização da cultura e contexto quilombolas, já que o território estava em processo de reconhecimento de suas terras.

3.2 Caracterizando o Ecomuseu quilombola

Denominado inicialmente como museu comunitário da Serra do Evaristo, a instituição foi fundada em 25 de setembro de 2013 (dois anos após o início das escavações arqueológicas na comunidade), tendo suas portas abertas as visitas e demais trabalhos. O Ecomuseu foi construído com recurso do IPHAN, sua edificação foi responsabilizada por uma empresa⁸ privada. O principal motivo de sua construção, foi para abrigar os artefatos arqueológicos encontrados pelos próprios moradores e posteriormente resgatados pelos trabalhos do IPHAN em 2011. Tais objetos encontrados nas terras quilombolas, datam do período pré-colombiano (OLIVEIRA, PEDROZA, 2014). Segundo Chermont (2013):

Alguns moradores relatam que ao fazerem os alicerces de suas casas, encontravam potes e outros artefatos de barro, o que lhes chamava a atenção. Então, a comunidade solicitou uma visita do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para averiguar os artefatos. No processo de averiguação o IPHAN constatou tratar-se de um sítio arqueológico. [...] a comunidade pré-histórica, encontrada, no território da Serra do Evaristo, dominava a agricultura e a tecnologia da cerâmica e fiação de algodão. Nas escavações foram encontrados diversos artefatos polidos e lascados, fragmentos cerâmicos, fusos e adornos. Entretanto, um dos mais importantes achados, é o esqueleto humano, datado aproximadamente do ano de 1.300 da era Cristã. (CHERMONT, 2013, p. 20)

⁸ A criação do museu se deu após solicitação da comunidade. O Iphan lançou edital e terceirizou a ArqueoSocio para realizar as escavações com a contribuição da população. A pesquisa teve início em 2012, e os gastos do Iphan com escavações somaram R\$ 250 mil. Já o prédio do museu custou R\$ 150 mil, mas foi pago por meio de um acordo com uma empresa que havia causado danos em outro sítio arqueológico no País. (DIÁRIO DO NORDESTE, 2013)

É interessante e acima de tudo essencial saber como se deu a iniciativa de construção do Ecomuseu, visto isso, percebe-se que a história da idealização da instituição, expõe outras questões importantes no que tange a identidade impressa no museu. Nesse sentido, quando se fala de identidade, apesar de levar em consideração as questões étnicas em volta da origem do Ecomuseu, chama-se atenção para as características administrativas da instituição enquanto denominada como comunitária. Segundo Chermont (2013, p. 21), algumas questões em torno da construção do Ecomuseu, perpassam pelas possibilidades “[...] de turismo ecológico e arqueológico, ainda a ser desenvolvida, visto que é um fato recente, e um desafio, até mesmo para a própria historiografia cearense”.

Abaixo, algumas imagens ilustram atualmente como se encontram as instalações do Ecomuseu quilombola, e a partir disso, se iniciará as discussões mais práticas no sentido da análise da estrutura física e de suas especificações, no que diz respeito às questões de gestão, como se propôs neste trabalho.

Imagem 1: Vista externa do Ecomuseu.



Fonte: Imagem produzida pela autora como parte da pesquisa, 2020.

A imagem acima, mostra a estrutura externa do Ecomuseu da Serra do Evaristo, essa é a visão da instituição quando se depara ao subir uma pequena estrada que dá acesso a mesma. Como percebemos, não há calçamento, nem mesmo asfalto, caracterizando como um acesso difícil.

A estrutura acima, é caracterizada como típica da região, e o desenho da planta arquitetônica foi desenvolvido juntamente com diálogo, acordo e participação dos moradores da comunidade quilombola da Serra do Evaristo. Abaixo, outras imagens, ilustram em outros vetores as instalações do Ecomuseu, sendo este, situado em uma das partes mais elevadas da Serra do Evaristo, tornando para os próprios moradores e para quem visita a instituição, uma experiência cultural singular, em meio a uma vista privilegiada com extensas plantações de bananeiras e com uma relance da vista panorâmica das cidades vizinhas.

Imagem 2: Área frontal e terraço do Ecomuseu.



Fonte: Imagem produzida pela autora como parte integrante da pesquisa, 2020.

É importante destacar, que o terreno o qual foi construído o museu, derivou-se de uma doação de um dos moradores da comunidade, pois, na época anterior a concretização do ecomuseu, o terreno que foi cedido pelo proprietário de uma empresa de comunicação, não agradou os comunitários bem como não se adequava ao projeto pensado para a construção do ecomuseu.

Imagem 3: Instalações e vista lateral do Ecomuseu



Fonte: Imagem produzida pela autora como parte integrante da pesquisa, 2020.

Segundo um dos responsáveis diretamente pela gestão do Ecomuseu, a manutenção da estrutura física é feita quase que completamente pelos moradores (quilombolas) da Serra do Evaristo, visto que tudo que circunscreve as ações de cunho comunitário no remanescente de quilombo, é integrado por processo democrático entre os membros da associação de moradores. Segundo o presidente da associação, Evandro Clementino:

Essa manutenção da estrutura física, ela se dá de forma comunitária, [...] a gente organiza alguns grupos na comunidade e aí a gente vai fazendo, até porque não temos como pagar pessoa pra vim, por exemplo pintar o museu, esse espaço que a gente tem aqui, tudo o que nós temos aqui tá da mesma forma que foi construído em 2013, e hoje a gente já precisa fazer uma pintura no museu, precisa de algumas coisas e nós não temos recursos, e demanda um volume de recursos maior, e a gente vai fazendo de forma voluntária os pequenos concertos, tentando organizar minimamente para que o museu possa continuar funcionando de forma adequada e a receber os visitantes, e primando pela preservação dos vestígios que a gente guarda aqui no museu comunitário da serra do Evaristo. Mas, por exemplo, queima um aparelho, um umidificador, um ar-condicionado, a gente tem que tá sempre buscando, fazendo algo, um bingo, ou fazendo uma parceria⁹ pra que a gente possa superar esse desafio da manutenção que é constante pro museu comunitário. (Evandro Clementino, entrevista realizada em setembro de 2020).

Percebe-se, na fala do presidente da associação de moradores da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, que o trabalho comunitário é desenvolvido para dar conta das demandas e problemáticas que surgem no decorrer da existência do Ecomuseu, indo desde a manutenção das instalações físicas a busca por parcerias e verbas para dar conta das questões diversas em torno da instituição. Dessa maneira, entende-se que a gestão do Ecomuseu, se inicia antes mesmo da existência física do mesmo, pois o trabalho e decisão comunitária foi responsável como ainda o é o grande motivador da gestão institucional. Dessa maneira, é possível trazer as contribuições de Cezário e Davel (2018), e afirmar segundo os autores, que nos contextos de museus comunitários, a gestão desses, perpassa pela:

[...] mobilização museológica organizacional e a mobilização museológica interorganizacional como conjuntos de estratégias de gestão para iniciativas museológicas comunitárias, tendo como fatores mobilizadores a identidade territorial e a participação comunitária, elementos substantivos a esta tipologia de equipamento. [...] A identidade territorial e a participação são essenciais para a existência das iniciativas museológicas comunitárias. São fatores que serão tomados como verbo, através de estratégias de ações mobilizadoras de cada

⁹ Segundo, Cezário e Davel (2018), [...] em um cenário de escassez de recursos, como geralmente é o caso dos museus no Brasil, sobretudo os públicos e de pequeno porte, as parcerias e ações interorganizacionais viabilizam a dinamização e a sustentabilidade do museu. Entretanto, essas ações, geralmente, não são sistematizadas e o potencial interorganizacional fica apenas como uma estratégia pontual para determinado projeto. (CEZÁRIO; DAVEL, 2018, p. 7)

dimensão em si. Consideramos a mobilização como o ato ou efeito de fazer pessoas entrar em campanha, acionando-as, ativando interesses e incitando à participação. Como metáfora, os fatores mobilizadores são a faísca que acende o potencial organizativo e interorganizacional para o desenvolvimento do museu, com vistas a uma gestão sustentável. (CEZÁRIO; DAVEL, 2018, p. 4-6, grifo nosso).

Conforme a exposição dos autores(as), é válido salientar, que as características de um museu comunitário ainda são bastantes distintas se priorizarmos os contextos os quais estão inseridos, bem como a construção identitária local.

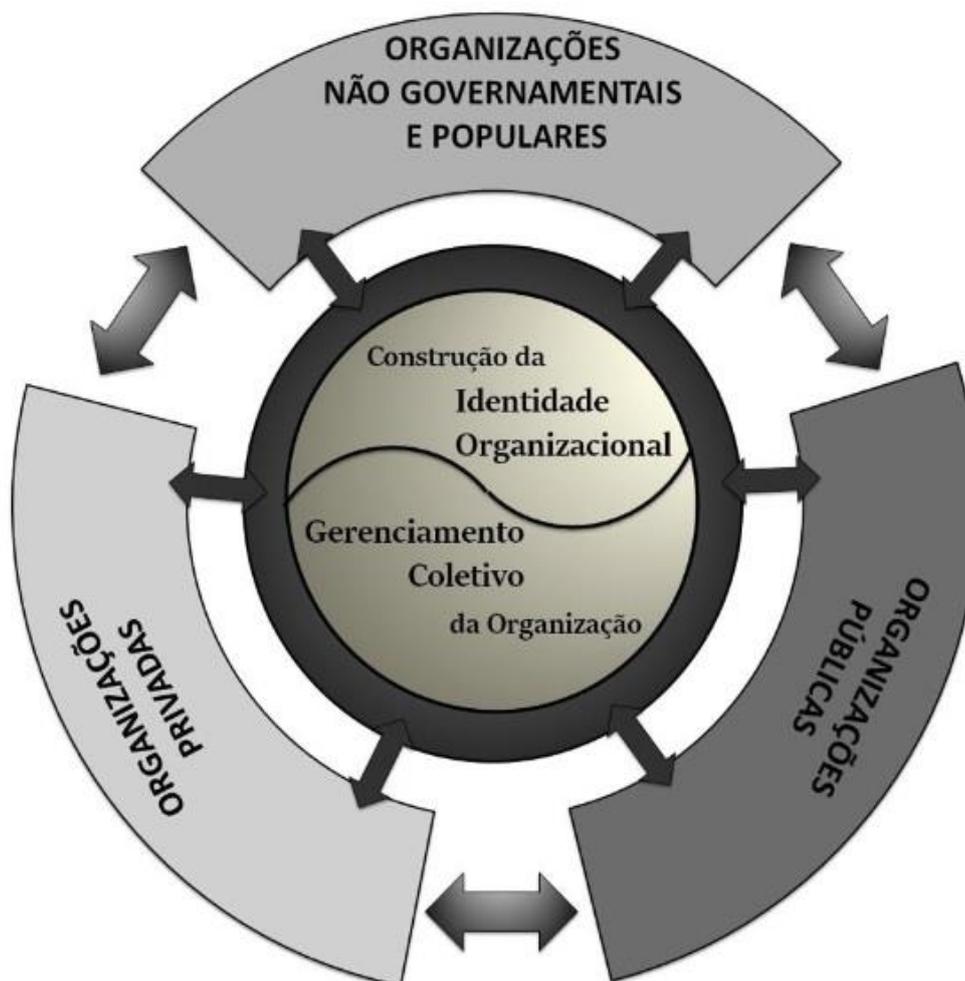
Retomando algumas considerações em torno do trabalho comunitário, circunscrevendo e caracterizando o Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo enquanto um museu comunitário, Cezário e Davel (2018), desenvolvem o argumento, fazendo distinção entre a mobilização organizacional e a mobilização museológica interorganizacional, escreve os autores(as), que:

Enquanto a mobilização organizacional volta-se para esta compreensão sistêmica do museu como um organismo em si, a mobilização museológica interorganizacional volta-se para o potencial deste organismo em interação com o mundo. A mobilização interorganizacional envolve a relação com outras organizações, de forma consciente, no que ativa o potencial das parcerias e da atuação em redes de cooperação sobre um determinado território. (CEZÁRIO; DAVEL, 2018, p. 6)

Nesse sentido, priorizar e perceber a mobilização do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo enquanto interorganizacional, aponta para o reconhecimento das especificidades culturais do contexto o qual está inserido o museu, e, conseqüentemente, a forma de gestão a qual é mais propícia e coerente com o projeto institucional local. Ainda é válido salientar, que a rede de colaboração e interação envolta do Ecomuseu, pode ser interpretada como um “tecido híbrido formado por organizações que atuam em conjunto” (FISCHER; MELO, 2004, p.18).

Para tentar exemplificar a relação de gestão citada acima, abaixo um quadro conceitual que demonstra o que foi explanado e discutido.

Imagem 4: Quadro conceitual demonstrado a “Interação entre Mobilização Museológica Organizacional e Interorganizacional”.



Fonte: Cezário e Davel (2017).

Segundo os conceitos acima, adotar o argumento da mobilização entre diversas instituições, e o que está no centro e cerne das iniciativas de gestão museológica comunitária, é justamente motivada por questões inerentes a identificação do museu enquanto produto contextualizado em uma comunidade quilombola no interior do Ceará, ou seja, uma comunidade denominada como rural. Então para interpretar o quadro conceitual acima, se faz necessário trazer algumas características e analogias, tem-se obrigatoriamente, antes de tudo, que perceber tais questões.

O que é possível identificar no processo de gestão comunitária do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, são as Organizações Não Governamentais e Populares e as Organizações Públicas, por meio da Associação Kolping da Serra do Evaristo. Prefeitura Municipal, Governo do Estado do Ceará, respectivamente.

Percebendo que o tipo de gestão a qual se adequa o Ecomuseu quilombola da Serra do Evaristo, está mais voltada para o modelo da “mobilização interorganizacional”, não desprezando a instituição como um museu em si, no entanto, as questões de cunho comunitário que circunscrevem a própria ideia de motivação/existência do museu, categorizam o museu em questão como dotado de particularidades culturais, que sem essas, não pode ser classificado mediante os conceitos elencados acima. Vale ressaltar, que as funções administrativas ganham particularidade no contexto quilombola comunitário, pois a ideia de gestão está totalmente entrelaçada e por vezes se confunde com o trabalho comunitário, tendo, o trabalho e esforço de observar densamente os limites desses fatores, para uma compreensão maior.

4 METODOLOGIA

As questões referentes a metodologia deste estudo foram divididas a partir da seguinte lógica: revisão bibliográfica, identificação dos sujeitos referentes ao processo de gestão do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, e por conseguinte, entrevista com os mesmos, observação em visita guiada ao ecomuseu. Tais práticas, foram necessárias na concretização da análise sobre a gestão e lógica organizacional da instituição. A princípio, implementou-se o trabalho de campo, para observar às práticas diárias de alguns profissionais/colaboradores do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo. Posteriormente, com a análise das informações obtidas, desenvolveu-se uma visão da gestão praticada em torno do ecomuseu quilombola, tendo em vista, as particularidades administrativas em torno desse, bem como dos sujeitos que estão à frente da gestão da instituição.

Este estudo visou reunir dados acerca do tema: gestão de museus comunitários e ecomuseus, delimitando como objeto de estudo, os processos organizacionais/gestão do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo. Dessa maneira, se colocou em evidência, o contexto o qual está inserida a instituição em questão, visando estabelecer e trazer algumas características em torno da gestão praticada em torno do museu. A gestão museológica é um dos temas centrais deste estudo, dando ênfase aos museus comunitários e ecomuseus. Veremos ao decorrer do texto, a diferença entre algumas práticas administrativas em torno da instituição supracitada, pontuando questões referentes ao contexto condizente na construção da gestão museológica na comunidade quilombola da Serra do Evaristo.

A proposta em torno da realização desta pesquisa teve como categorização metodológica, um estudo de caso. O estudo desenvolvido, teve como ponto de partida a revisão bibliográfica em torno de conceitos e históricos essenciais na compreensão da temática proposta, a exemplo, histórico da museologia no Brasil, conceitos básicos de museologia, discussão sobre museus comunitários e ecomuseus e a abordagem dos tipos de estratégias de gestão denominadas conforme Cezário e Davel (2018) como: mobilização museológica organizacional e a mobilização museológica interorganizacional.

Salienta-se que foi bastante importante participar do evento (virtual¹⁰) promovido pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), Ceará, juntamente com o Ecomuseu da Comunidade quilombola da Serra do Evaristo, intitulado: Encontro Serra do Evaristo: território vivo, 14º Primavera dos Museus. O debate em torno do evento foi bastante proveitoso para este trabalho, centrado nas temáticas: ecoturismo, gestão de museus e as atividades oferecidas ao público, questões de infraestrutura e parcerias público-privadas recorrentes as questões envolvendo o ecomuseu quilombola.

A idealização desta pesquisa foi pensada a partir da gestão museológica na perspectiva do lugar de onde se fala, ou seja, pensando o mundo “a partir do lugar” (SANTOS, 1999). A motivação desta pesquisa também se centra na possibilidade de contribuir com a construção de conhecimento acerca da gestão de museus comunitários, tentando chamar atenção para as especificidades do gestor em meio a processos culturais diversos.

Com relação as questões metodológicas específicas, salienta-se que a pesquisa é baseada em uma abordagem qualitativa, por meio de um estudo de caso priorizando o trabalho de campo, com o intuito de tentar perceber as particularidades em torno do processo de gestão do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo. Vale ressaltar, que o foco em si são as questões acerca da gestão da instituição supracitada, então, mesmo trazendo outras questões diretamente relacionadas ao objeto de estudo construído para este trabalho, algumas outras questões não serão possíveis abordar de forma direta, ou seja, apenas de forma sintética, no que diz respeito a prioridade e importância das informações.

O trabalho de campo, se deu por meio de quatro visitas ao museu, sendo duas visitas de observação da comunidade como um todo, com o intuito de produzir algumas fotografias, e as outras duas visitas, sendo uma delas guiada, consistiu em algumas entrevistas com alguns moradores, e com o presidente da associação de moradores da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, também encarregado da gestão do Ecomuseu quilombola. Com isso, buscou-se compreender/conhecer um pouco dos artefatos arqueológicos que fazem parte da coleção museológica contida no local, para tentar refletir e expor um pouco através do que está posto atualmente para as visitas ao público, e discorrer sobre o processo sócio-histórico da instituição até o momento atual. Abaixo, algumas imagens ilustram um pouco das instalações internas do Ecomuseu.

¹⁰ O evento foi arquitetado em formato online/virtual, devido ao atual período de Pandemia.

Imagem 5: Objetos arqueológicos expostos no Ecomuseu.



Fonte: imagem produzida pela autora como parte integrante da pesquisa, 2020.

Com o objetivo de conhecer mais a fundo o Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, para posteriormente versar sobre seus processos organizacionais e de gestão, foi necessário a interação com o objeto de estudo por meio do acesso a comunidade. A pesquisa de campo começou com uma visita inicial a comunidade em questão, onde fui

recebida por alguns moradores(as) que trabalham no ponto de cultura da comunidade e pelo principal responsável pelo museu, o professor Evandro Clementino.

Imagem 6: Objetos arqueológicos expostos no Ecomuseu.

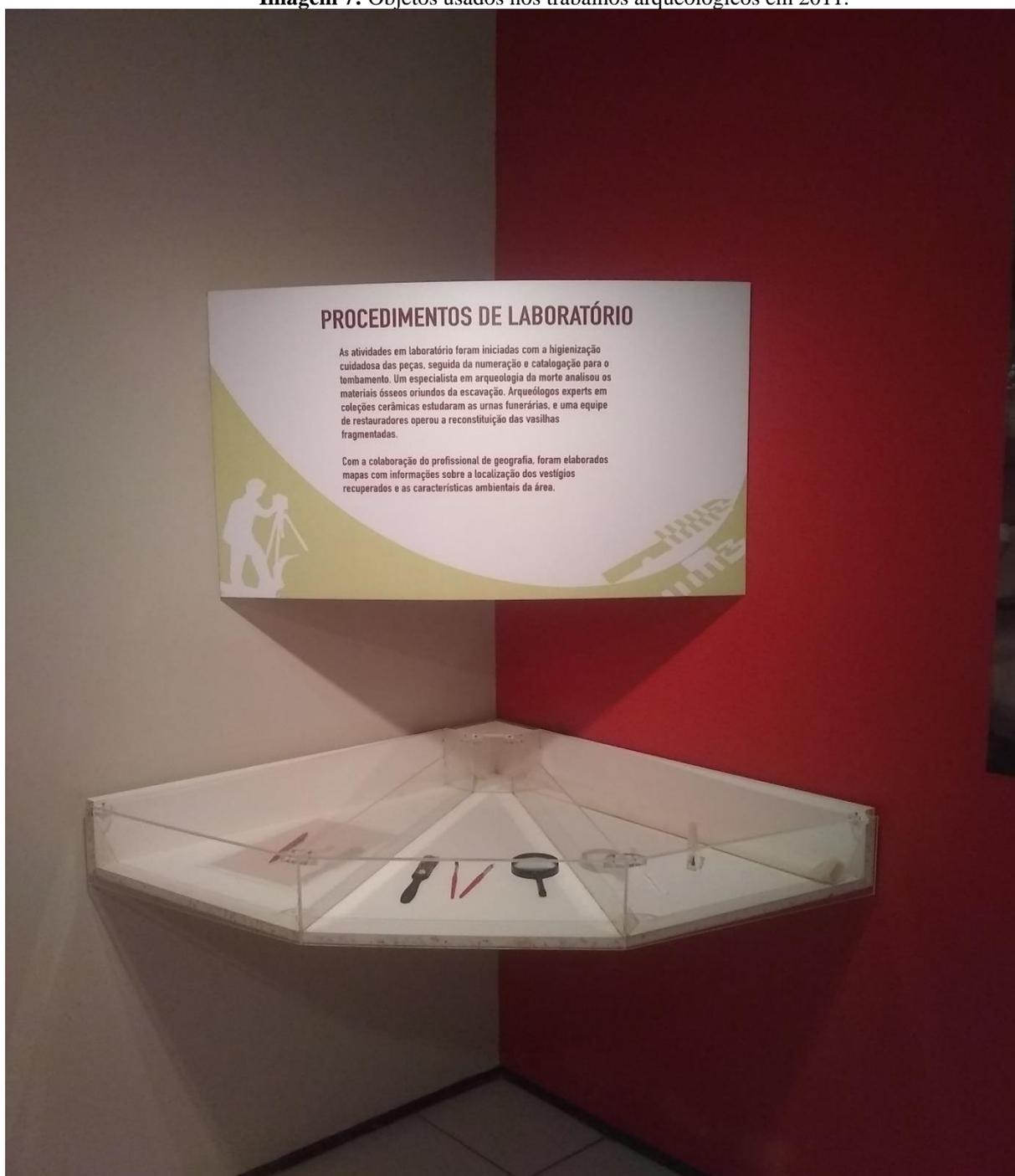


Fonte: imagem produzida pela autora como parte integrante da pesquisa, 2020.

Ao lado do ponto de cultura, situa-se a capela e a palhoça da comunidade, bem como o campo de futebol, o posto de saúde e a escola de ensino fundamental. Sabe-se, que a comunidade é situada em zona rural do município de Baturité, onde a produção de banana é umas das principais fonte de renda local. Nas entrevistas, se buscou apreender como são desenvolvidas as atividades comunitárias relacionadas a gestão do Ecomuseu, e por vezes, surgia alguma outra questão transversal ao objeto de estudo. Nesse sentido, se procurou

coletar informações da vida comunitária no que diz respeito a dos processos de gestão do museu, no entanto, as informações mais pertinentes, foram coletadas apenas com os gestores da instituição, visto que, os membros da associação de moradores, que compõe o quadro administrativo do ecomuseu, possuíam o conhecimento e a experiência sobre este, desde sua fundação.

Imagem 7: Objetos usados nos trabalhos arqueológicos em 2011.



Fonte: imagem produzida pela autora como parte integrante da pesquisa, 2020.

Imagem 8: Urna funerária encontrada na comunidade em 2011.



Fonte: imagem produzida pela autora como parte integrante da pesquisa, 2020.

As imagens colocadas em evidência, destina-se a maior compreensão do objeto de estudo, visto que a coleção e exposição abrigada no Ecomuseu quilombola, é importante na compreensão desta pesquisa e visualização estratégica da instituição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste estudo, foi baseada em concepções de interação entre o território e a gestão, traçando possibilidades analíticas entre a gestão museológica e as questões em torno do contexto tradicional/quilombola o qual está inserido o objeto desta pesquisa, ou seja, o Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo. Surgiram diversas dúvidas sobre as questões que foram se desenvolvendo, no entanto, a delimitação em torno da problemática deste trabalho, foi levada em consideração para os limites analíticos propostos.

O estudo em questão, além de se adequar as minhas aptidões e conhecimentos locais, bem como a inserção da área de Administração, serviu para conhecer melhor da instituição citada acima, nesse sentido, a problemática desta pesquisa foi desenvolvida em torno dos conhecimentos sobre gestão, adquiridos no decorrer do percurso acadêmico, para se pensar as relações pertinentes e possibilidades enquanto o estudo do Ecomuseu quilombola da Serra do Evaristo.

Este estudo, em síntese, foi produto da análise acerca do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, situado no estado do Ceará, Baturité, Brasil, tendo como referencial teórico a ideia de gestão: mobilização museológica organizacional e intraorganizacional, como conceitos fundamentais para a categorização do ecomuseu enquanto organização, visto que as características culturais do território quilombola, dialogam diretamente com os conceitos citados.

Tendo como objetivo central de analisar a estrutura organizacional do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, utilizando conceitos em torno das características comunitárias que subscrevem a instituição, visando compreender mais amplamente sobre os processos administrativos e reforçar a importância da gestão nas comunidades tradicionais. Dessa maneira, além de trabalhar o reconhecimento do ecomuseu como uma organização de valor local e de particularidades culturais bem estabelecidas, bem como, com o intuito de produzir conhecimento sobre a região do Maciço de Baturité. Nesse sentido, como possibilidades futuras de ampliação e aperfeiçoamento desta pesquisa, foram considerados a observação de diversas questões e a relevância destas para com a sistematização do conhecimento acerca da gestão do Ecomuseu da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, visto que, este ainda é uma instituição de fundação recente.

6 Referências Bibliográficas

- AVELAR, Luciana Figueiredo. Museus comunitários no Brasil: o Ponto de Memória Museu do Taquaril. FGV. 122f, 2015.
- CAMINHA, Raquel. Africanidade e Cearensidade: Catalogo do museu Histórico e memorial da liberdade. Governo do Estado do Ceará. -Instituto Olhar aprendiz, Fortaleza: 2011.
- CEZÁRIO, H. B. M; DAVEL, E. Participação Comunitária e Identidade Territorial na Gestão de Museus: A Mobilização Museológica Organizacional e Interorganizacional. Cadernos de Sociomuseologia nº 11, (vol 55), 2018.
- CHAGAS, Mario de Souza. Memória e poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus. Anais do II Encontro Internacional de Ecomuseus/ IX Encontro Anual do Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e o Caribe -ICOFOM LAM.Santa Cruz, RJ: Tacnet Cultural, p. 12-18, 2001.
- COSTA, Everaldo Batista. A concretude do fenômeno turismo e as Cidades –Patrimônio - Mercadoria. Uma abordagem geográfica. 1ª ed. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 178p, 2010.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François; SOARES, Bruno Brulon; CURY, Marília Xavier. Conceitos-chave de Museologia. [S.l: s.n.], 2013.
- DIÁRIO DO NORDESTE. Comunidade inaugura museu arqueológico. 2013. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/comunidade-inaugura-museu-arqueologico-1.445431>>. Acesso em 30 de outubro de 2020.
- DIEGUES, Antônio Carlos. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: NUPAUB– Universidade de São Paulo, 1994.
- FISCHER, T. M; MELO, V. P. Organizações e interorganizações na gestão do desenvolvimento territorial. Organizações e sociedade. Salvador: EAUFBA, 11, 2004.
- FONSECA, Maria. C. L. Para além da pedra e cal: Por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. (orgs.) Memória e Patrimônio: Ensaios Contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 31-50, jan.-abr. 2012.
- OLIVEIRA, C. A.; PEDROSA, I. Relatório Final: Escavação Arqueológica do Sítio Funerário Serra do Evaristo I, Município de Baturité – Ceará. Fortaleza: IPHAN, 2014.
- SANTOS, Milton. O Território e o Saber Local: Algumas Categorias de Análise. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, ano XIII, nº2, 1999.

SANTOS, Suzy da Silva. Ecomuseus e museus comunitários no Brasil : estudo exploratório de possibilidades museológicas. USP, São Paulo, 2017.

SOUSA, Manoel Johnson Sales; MORAES, Suiany Silva de; LUIS, George. Evaristo: Identidades, demarcação e lutas: Estudo etnográfico do quilombo da Serra do Evaristo em Baturité-Ce. V Reunião Equatorial de Antropologia (REA); XIV Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste (ABANNE). 2015.

SOUZA, J, W, S, B. Entre a mangueira do fato e acorrente de ouro: um estudo antropológico sobre a memória e os espaços, a partir das narrativas fantásticas de moradores da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, Baturité-Ce. Universidade Federal do Ceará (Dissertação de Mestrado), 2019.

VARINE, Hugues de. Museus e desenvolvimento social: balanço crítico. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira; NEVES, Kátia Regina Felipini (Coords.) Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas. Sergipe: Museu de Arqueologia do Xingó, p. 11-20, 2008.

VEIGA, Ana Cecília Rocha. Tecnologias da informação e da comunicação na gestão e no ensino interdisciplinar de projetos de design: arquitetura como estudo de caso. Rev. Docência Ens. Sup., Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 149-165, jul./dez. 2017.